



CHARGE DA SEMANA



André Pomponet

Desabastecimento no Centro de Abastecimento

André Pomponet - 28 de maio de 2018 | 16h 11



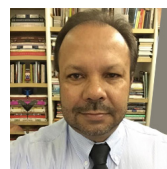
Maior entreposto comercial do interior da Bahia, o Centro de Abastecimento esteve à míngua nessa segunda-feira (28). Quase não há mais o que vender e os frequentadores – sobretudo aqueles que desembarcam de municípios próximos – não compareceram. “O pessoal está com medo de não ter como voltar para casa”, resumiu um comerciante, que examinava com atenção a tela do celular, já que não havia clientes para atender. Essa, a propósito, foi a regra pela manhã, horário de intenso movimento em dias normais. Com a prolongada greve dos caminhoneiros, a queda no fluxo foi drástica.

Que o Centro de Abastecimento vive dias atípicos é facilmente constatável: nos galpões atacadistas, que ficam à margem da Avenida de Canal, não havia o tradicional frenesi de desembarque e embarque de mercadorias. Pelo contrário: não havia caminhões descarregando e raros eram os utilitários que estavam por lá, transportando mercadorias revendidas em mercadinhos e feiras-livres de bairro.

Muitas barracas permaneciam fechadas a cadeado. Pelas grades, percebia-se tudo vazio, sem estoque disponível. Um ou outro comerciante exibia razoável estoque de batata inglesa, mas faltavam clientes. Cebola, tomate e pimentão – itens indispensáveis na dieta do feirense – estavam em falta. Aqui ou ali, montes de abóboras, certamente colhidas na região, despertavam a atenção dos escassos compradores.

No galpão varejista de verduras e legumes havia imensa desolação: dezenas de barracas vazias, sem produtos ou vendedores. Laços firmes nas lonas que encobrem as barracas mostravam que os verdureiros sequer compareceram ao entreposto. Uns

COLUNISTAS

**César Oliveira**

Rui Costa e a saúde

A voz rouca das ruas

**André Pomponet**

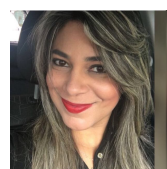
Balanço preliminar sob dos caminhoneiros

Desabastecimento no Centro de Abastecimento

**Valdomiro Silva**

Flu quebra recordes e busca primeiro lugar

O início nada promissor na Série A do Brasileirão

**Emanuela Sampaio**

De malas prontas

Naiana Santana comemora aniversário em festa

AS MAIS LIDAS HOJE

1 A voz rouca das ruas

2 Rui Costa e a saúde

3 Desabastecimento no Centro de Abastecimento

poucos, mais afortunados, vendiam braças de hortaliças, extraídas das hortas do Bessa e de Amélia Rodrigues.

Carne e Cereais

Açougueiros papeavam, à espera de clientes incertos. Restava pouco de carne para vender: nas vitrines frigoríficas, um ou outro pedaço do produto em exposição. Frequência rotineira só a dos cães vadios circulando pelos corredores. Também estava em falta a afamada carne salgada da região. E a oferta de doces – em pasta ou em barra – era muito menor que o habitual. Invariavelmente os comerciantes examinavam as telas dos celulares, entediados.

As sacas de feijão, de farinha e de arroz estão se esgotando, mas o cenário é mais alentador que nas seções de hortifrutigranjeiros. Aqueles boxes que mercadejam óleo de soja, fósforo, sabão em pó, macarrão, charque, mortadela e mais uma infinidade de produtos estavam bem abastecidos. Mas permanecia o problema da clientela escassa e arisca nesses dias de incerteza.

Muitas mesas estavam vazias nos boxes que vendem refeições e bebidas. Ali, o problema era outro: a ausência dos clientes das cercanias, que não viajaram em função das incertezas nas estradas. Os telejornais – exibidos em tevês espalhadas pelos boxes – despertaram atenção incomum durante a manhã. “Está faltando autoridade”, reclamou um inconformado com o impasse.

Centro da Cidade

O paradeiro se estendeu também ao centro da cidade. Na Praça Bernardino Bahia – tradicional ponto de comercialização de frutas, verduras, legumes e hortaliças – havia poucos vendedores. Maças, acerolas, abacaxis e tangerinas estavam entre os poucos produtos disponíveis. Mas quem passava dedicava pouca atenção às ofertas e os comerciantes, ociosos, entabulavam longas conversas.

As incontáveis barracas dos camelôs, com seus diversos produtos, estavam abertas, mas a clientela também estava escassa. Aqui ou ali alguém escolhia um CD pirata, uma mulher examinava roupas em exposição nas barracas, mas o movimento era ínfimo. O trânsito de pedestres pelos calçadões – difícil às segundas-feiras – estava muito tranquilo. Havia mais silêncio: os pregões tornaram-se inúteis, principalmente de quem vende chip de celular.

Os efeitos da paralisação dos caminhoneiros – que já dura mais de uma semana – vão começar a ser sentidos de fato, com o desabastecimento de feiras, supermercados, padarias e restaurantes. Há filas nos postos e se tornou comum gente transportando recipientes para depositar combustíveis. Os motociclistas são os mais ansiosos em filas que vão se avolumando quando há reabastecimento no posto.

Até aqui, percebe-se uma festiva adesão de muita gente. Não falta quem se arroje nas conversas, defendendo a deposição de Michel Temer (MDB-SP) e há quem circule com bandeiras brasileiras, acessórios verde-amarelos – esquecidos nos últimos dois anos – convicto de que há, em curso, mas uma jornada cívica. Caso os caminhoneiros não recuem e haja efetiva crise de abastecimento, ninguém sabe como vai ficar esse apoio.

Aliás, hoje, ninguém sabe de nada sobre o que está por vir.

4

Sai edição extra do Diário Oficial com 1 caminhoneiros

5

TRE-BA suspende expediente e prazos a partir desta segunda (28)



LEIA TAMBÉM

André Pomponet

Balanço preliminar sobre a greve dos caminhoneiros

Contribuinte é quem vai bancar acordo do governo com caminhoneiros

Emprego formal tem melhor desempenho desde 2014

[INÍCIO](#) [O TRIBUNA](#) [ANUNCIE AQUI](#) [EDIÇÃO IMPRESSA](#) [VOCÊ NO TRIBUNA](#) [FALE CONOSCO](#)

redacao@tribunafeirense.com.br

75 3225 7500
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
[@tribunafeirense](#)

Tribuna Feirense © 2018. Todos os direitos reservados

